
AUTOR:

Jorge Olímpio Bento

CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

<https://doi.org/10.5628/rpcd.13.03.13>

Elogio do Senhor Professor Doutor Manuel Ferreira Patrício

01

Elogio proferido na cerimónia de doutoramento *honoris causa* do Senhor Professor Doutor Manuel Ferreira Patrício.
Faculdade de Desporto da Universidade do Porto:
12 de setembro de 2013.

Demorei horas a escolher as pontas que devia pegar, o ponto onde começar e as pistas a percorrer para elaborar este ensaio laudatório. Folhee, repetidas vezes, o luminoso *curriculum vitae* das duas figuras que, nesta cerimónia, suscitam a nossa atenção: o Sr. Prof. Manuel Ferreira Patrício e o Sr. Prof. Adriano Moreira. Vejo nelas o lema da Universidade Moderna, formulado por Wilhelm von Humboldt (1767-1835): *Primado da Verdade sobre a Utilidade*. Sopeso a sua vida e ela afigura-se-me uma concretização do sentido inscrito na frontaria da Universidade de Heidelberg: *Ao Espírito Vivo!* E, não menos, da constatação do Padre António Vieira (1608-1697): *Há homens que são como as velas; sacrificam-se, queimando-se para dar luz aos outros*.

Como enaltecer, a contento, o pensamento universal e a consciência lúcida de Portugal que as duas insignes personalidades encerram e representam nestes dias incertos e trágicos, de obscurantismo galopante?

Por um lado, não me apraz o estilo do senso-comum em vigor, feito de simulações e disfarces, embora ele constitua, nesta era sem ideais e causas tangíveis ou intangíveis, o pilar das linguagens e orientações que cursam à rédea-solta na sociedade e nas suas instituições. Por outro, a procura da forma (*Bildung* ou formação), como sabem todos os que

Correspondência: Jorge Olímpio Bento, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Rua Dr. Plácido Costa, 91, 4200-450 Porto, Portugal (jbento@fade.up.pt).

se envolvem nesse intento, é uma canseira longa e árdua; ao invés, à fôrma e à formatação segundo a moeda corrente chega-se fácil e rapidamente, sem sair do sítio.

Depois de muito ponderar, decidi consultar frases, mensagens e notas guardadas, de nomes imortais, que escaparam ao desleixo e à incúria e não foram atiradas para o caixote do lixo. Nelas encontra-se o estalão que mede a grandeza das criaturas e das suas ações. Chamei-as e elas vieram indicar-me a entrada no labirinto da hesitação.

Quando perguntamos o que distingue um atleta acima da média, não precisamos de refletir muito para encontrar a resposta: As capacidades anímicas e volitivas! Como diria São Tomás de Aquino (1225-1274), não as *qualidades do fácil* e do chumbo, que atiram e prendem ao chão da dignidade ínfima, mas, sim, as *qualidades do difícil* e do fumo, que incitam ao esforço, a levá-lo por diante, a erguer-se da mediocridade, isto é, que mobilizam as forças físicas, mentais ou intelectuais para sobrepujar os obstáculos e provas e alcançar as metas estabelecidas.

E quais as de outro homem que queira superar-se e honrar os compromissos inerentes à maratona da vida? Exatamente as mesmas capacidades! São elas o cimento do exemplar porte cívico e moral, edificado num laborioso percurso existencial.

Eis a razão, pela qual esta Casa do Desporto chamou a si, com toda a propriedade, a homenagem que aqui nos congrega!

Estas eminentes personalidades nasceram em locais apartados um do outro, porém com afinidade intensa na circunstância de vir ao mundo: com condição a menos e sem futuro a mais. Uma nasceu em Montargil, no Alto Alentejo; a outra em Grijó, Macedo de Cavaleiros, no coração de Trás-Os-Montes. Ambas têm idade avançada, sendo curial assinalar que, na taxonomia etária, só há dois graus: ou se está vivo ou se está morto. Ora estes Senhores, cientes de que a morte não melhora ninguém e os anos apenas trazem automaticamente consigo as rugas, mas não a sabedoria, têm feito o melhor uso possível do seu trânsito terrestre, para bem pessoal e público. Prezam e honram a vida, não confiando numa gratificação dada pela crença num porvir imaginário.

Também já cumpri uma extensa jornada, após ter nascido numa aldeia transmontana, próxima da do Senhor Prof. Adriano Moreira, recebendo dessa matriz um espantoso código genético. Todavia a coincidência não é salvo-conduto bastante para me abeirar dos alvos desta celebração. Separa-me deles o modo de preencher a viagem. Eles são do modo maior, são corredores da frente na ingente caminhada da Humanidade; pertencem ao universo dos sábios que, naturalmente, são alados, edificam e habitam o céu como estrelas para alumiar cá para baixo. Eu sou da confraria dos sabidos, presos à terra, à espera do milagre da curiosidade em observar e admirar os astros.

Senhor Professor Manuel Ferreira Patrício:

Quando contemplo a sua vasta e notabilíssima obra, os seus labores e ofícios, a grande diversidade de saberes congregados, o seu cultivo da simplicidade e do despojamento, os

caminhos andados e os resultados alcançados, a humildade no ser e estar, apetece-me entoar um hino de júbilo, admiração, encantamento e gratidão.

Embebecido e extasiado, vejo em si a face cimeira e culminante do Homem plural e Universal, a saga cumprida pelo *Homo Viator* e *Performator*, a distância percorrida pelo romeiro *hominiano* atrás do infinito Humano. O Professor é múltiplo e complexo, expressão e síntese perfeita dos heterónimos que perfazem a harmonia da condição humana. Transporta a perenidade dos clássicos gregos, a epistemologia dos seus significantes e significados. Na sua pena renasce Séneca (4 a.C.-65 d.C.), a escrever cartas prenhes de juízos, advertências e conselhos com imperecível atualidade. A sua boca de ourives das palavras acorda o verbo esmerado e inflamado do Padre António Vieira, a postura serena do Padre Manuel Bernardes (1644-1710), o desassossego de Fernando Pessoa (1888-1935), a visão axiológica da educação de Leonardo Coimbra (1883-1936), o messianismo patriótico de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), a perspicácia do sertanejo Guimarães Rosa (1908-1967), o ascetismo utopista de Agostinho da Silva (1906-1994), o civismo militante de Miguel Torga (1907-1995), a inquietude de Vergílio Ferreira (1916-1996).

Podia prolongar, sem exagero, o rol de nomes acolhidos no alfobre e regaço do seu Humanismo exaltante. Em si, estão configurados quantos cuidam de derramar luz sobre o mundo, inteligir as suas várias cores e formas, a verdadeira dimensão das coisas, desacorrentar e tirar o homem do incógnito das suas entranhas.

Sim, a sua palavra é nascedoiro e feixe de luz. Da luz de ver para lá do sol-posto, de encher os olhos de sonho, de fazer florir a existência, de absorver o universo e nada desperdiçar e perder por distração. Da luz que Vergílio Ferreira tanto invocou para nos abrir as manhãs submersas e iluminar as horas crepusculares. A luz, a luz, que vai para além do verão cego e escaldante e do outono apaziguado e resignado e se mantém nítida nos gelos do inverno e fulgurante no nascer da primavera. A luz da *utilidade* das *inutilidades*, que exhibe os limites dos utensílios e, não obstante, substancializa o teor insubstancial do seu papel de *inutensílios*. A luz que nos lava as mãos e os olhos, para vermos e sermos a inteireza do que somos, o mesmo por detrás do que parecemos. A luz para percebermos a graça dos encontros e a tragédia dos desencontros. A luz para apreender o mundo na sua estrita realidade, a nossa finitude e os pactos feitos com a morte. A luz do fado de Sísifo, do eterno retorno e recomeço de existir, de conhecer e saudar constantemente a alegria da vida, como se fosse a primeira vez. A luz que nos auxilia a descolar das coisas e tornarmo-nos humanos.

O Prof. Manuel Patrício sabe que sonhar é um desígnio e direito humano, irmanado ao dever da insubmissão. É, por falta do fulgor e altura dos sonhos, que os povos não têm alento e ânimo, se resignam à sobrevivência no pesadelo, são infelizes e ínfimos; inexistem no escuro e rasteiro.

Nesta conformidade fala a partir do Humanismo e do Iluminismo, focando os enigmas, mistérios e *ultimidades* da vida. Intima à preservação da Universidade como entidade cria-

dora de Luz para a Comunidade Universal, preocupada com o nível de realização da Humanidade e obrigada a denunciar o aviltamento e descaso a que esta é sujeita.

E porquê? Porque o '*progresso*' dos nossos dias nutre-se da cerração e ocultação, da manipulação, da trapaça e do embuste. Serve-se da neblina para nos cercear o espaço vital e tolher os passos, como se não houvesse amanhã. Confirmando que a casca da civilização tem a espessura de uma hóstia. Que somos frágeis, naufragos, errantes e fracassados; e que lutamos como cães esfaimados e selvagens, para sobreviver num contexto de regressão civilizacional, convidativo à guerra de todos contra todos.

É este infortúnio que move Manuel Patrício. Convoca os homens das ciências e letras, da especulação intelectual e mística e do conhecimento manifesto e oculto para a nobreza de viver, assente no mandamento de incendiar a escuridão, de aguilhoar e execrar a desvergonha e insensibilidade dos fortes que vilipendiam os fracos, de chamar estes à coragem de defender e potenciar a sua dignidade.

Ele vem do futuro, com a memória do passado, para comprometer o presente. A seu lado, está o Padre António Vieira, o crisóstomo luso-brasileiro, pregador do afiado Sermão de Santo António aos Peixes, no qual verbera, com aspereza destemperada, os peixes graúdos desta era: os soberbos (*roncadores*), os pregadores (*parasitas*), os ambiciosos (*voadores*), os hipócritas e traidores (*polvos*). Na sua pia batismal recebe a água límpida e purificadora do Império que há de vir, o do Santo Espírito.

O seu magistério é fiel a Hegel (1770-1831) e ao mito da Coruja de Minerva, símbolo da filosofia, vinculando esta à obrigação de levantar voo, quando o anoitecer, o desespero e a desídia invadem a mente e o coração das pessoas. Por isso avoca a função de alumiar nas densas e medonhas trevas das noites de breu.

Com ele viaja a Mensagem de Pessoa, do poeta-vate, gajeiro e vidente da saudade futurante e perscrutante, orando, com veemência, pelo *revigoreamento* da nossa *lusitanidade íntima*, do *quase-morto organismo psíquico nacional*, do rio subterrâneo do nosso inconsciente coletivo, pelo renascer das cinzas, pelo despertar da esperança e pela retoma da aventura da nossa superação e transcendência.

A sua métrica é a dos poetas andaluzes, delineando e cantando os caminhos do Homem. Proclamando que não há caminhos ideais e caminhos de ocasião, mas tão-somente os que andamos, fazemos e nos fazem ao andá-los. Há, nas suas palavras alguma perplexidade, amargura e queixume, por constatar que esses andarilhos continuam a cantar, a mirar e declamar; mas parece que estão sós a dizer e rezar, são peregrinos, faltando quem acompanhe, difunda, multiplique e repita o seu canto.

Leonardo Coimbra revive nos seus textos e atos, com os quais pugna por uma escola cultural, lusitana, voltada para a educação como oficina de valores, teorizada numa Pedagogia entendida como tratado de *Antropagogia* e *Demopedia*, como *Anagogia Humana*. A sua *Pedagogia* é *criacionista*, referenciada à progressão ascensional e consciencial de um indivíduo

sempre em trânsito, para ser mais e melhor. Para tanto a palavra pedagógica é aumentativa e substantiva, cósmica e gnóstica, cavada e radical, encorajante, resplendente e levitante; os seus fios poéticos tecem o otimismo e a opção pela Pessoa, a bordadura axiológica que separa o humano do animalesco e o belo do grotesco, situando-a na autenticidade do seu espaço e tempo, para que possa cantar no coro polifónico da cidadania planetária.

Nesta empreitada podia ter invocado Nietzsche (1844-1900): *Eu sou aquele que é obrigado a superar-se a si mesmo até ao infinito*. Mas decidiu distinguir Teixeira de Pascoaes (*O destino do Homem é ser a consciência do universo em ascensão perpétua*) e o movimento portuense da renascença portuguesa, fundado na fé de que o homem, como '*ser de distantes*' (na definição dos gregos), vive para além do seu lugar e de si mesmo, regendo-se, por isso, por princípios supratemporais e universais, por ideais e utopias quase inalcançáveis e que, no entanto, sinalizam a rota a seguir. Ao pensador de Amarante juntou Vergílio Ferreira: *O absoluto é sempre o projeto do homem*.

Como Pascoaes, olha Portugal a entardecer, sem chama, brilho e horizonte, vivendo não de si, mas de outros; comunga da vibração patriótica e verbera uma das pechas atávicas e faurizes da nossa ruína: o espírito de imitação que mina o nosso carácter e se compraz em substituir a nossa face pela máscara importada. Como ele, o Professor Patrício apela à *Era Lusíada e Humana*, ao *espírito de iniciativa criadora* e à rejeição da cópia simiesca, propícia à troca da Humanidade do homem pela emergência do macaco. E traz aos nossos ouvidos a afirmação magoada e triste: *Portugal foi livre, enquanto foi português nas suas obras; enquanto soube realizá-las, obedecendo apenas à sua Vontade vitoriosa*.¹

Coerentemente Manuel Patrício ergue-se contra o *Processo de Bolonha*, que caricatura como '*Bulonha*', '*Burlonha*' e '*Borlonha*', apontando a bandeja da bula, da burla e da borla em que ele foi servido pelos governos e seus devotos acólitos. E avisando que ele atenta contra o *pensamento ampliado*: o pensamento que faz do ser humano um *homem de verdade*, com desejo insatisfeito de compreender, conhecer e saber, com mil histórias para contar e com poder de sedução. O pensamento que é a base da sabedoria e é expresso pelo errante Ulisses da Odisseia, isto é, o ser experimentado e completo, projetado por Homero (séc. VIII a.C.), Kant (1714-1804) e tantos intelectuais humanistas e iluministas, modernos e contemporâneos.²

1 — Teixeira de Pascoaes, *Arte de ser português*, 3ª Edição. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

2 — Luc Ferry, *A sabedoria dos mitos gregos – Aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

No seu labor e pundonor mora Sêneca, o estoico paladino da regência do universo por uma lógica universal, da ética e da predestinação, nascido na hispânica Córdoba, que apreciava a vida frugal e simples e sabia fabricar o vinho como poucos. Confundo os dois a traçar destinos nos seus escritos, por não haver vento favorável para barcos sem rumo. Vejo-os apreensivos com a degenerescência anímica, ética e estética do seu tempo, a redigir as *Cartas a Lucílio*, nomeadamente a Carta 80 que põe o dedo na ferida da escassez dos que ginasticam a inteligência e a virtude: “Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem existe dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade. Em que poderás exercitar melhor a tua vontade do que no esforço para te libertares da servidão que oprime o género humano, essa servidão a que até os escravos do mais baixo estrato, nascidos, por assim dizer, no meio do lixo, tentam por todos os meios eximir-se? O escravo gasta todas as economias que fez à custa de passar fome para comprar a sua alforria; e tu, que te julgas de nascimento livre, não estás disposto a gastar um centavo para garantir a verdadeira liberdade?”³

Recordo uma missiva que me enviou em 30 de novembro de 2011, na qual dizia, entre outras coisas, o seguinte:

“Fiquei estarelecido com a perspectiva académica que subjaz à sua mensagem.

É o que se chama aproveitar a oportunidade da crise para proceder a uma decapitação (institucional e provavelmente pessoal/ interpessoal). Crise é um substantivo com origem no verbo grego *krinein*, que significa joeirar, separar o grão ruim do grão bom. As crises são momentos de oportunidade para sarar o mal e melhorar o estado geral. As crises não são sentenças de morte, em particular do que há de saudável e promissor no organismo. São, bem distintamente, sentenças de vida. O general Millán Astray vociferou, em pleno coração da Universidade de Salamanca, perante Dom Miguel de Unamuno, o clero-mor do seu claustro: viva la Muerte. Unamuno ergueu-se de imediato para verberar tão inumana barbaridade. E a Morte, como está escrito no destino do homem humano, teve de curvar a cerviz e fechar e coser as fauces. Hoje não celebramos Millán Astray, continuamos a celebrar Unamuno (...)

O meu ilustre colega carrega um passado que é de glória, estriba-se num presente que foi construído por esse passado e exige o futuro que tem vindo a ser edificado com o sentido universitário que tem raízes no ideal humboldtiano de Universidade e de Bildung - da Paideia helénica -, uma atmosfera incompatível com a barbárie para que parece que forças ignaras intentam empurrar a grande Cultura Europeia, a grande Universidade europeia e a própria humanidade (...)

A crise é grande, grave e funda, mas não acreditamos que ela destrua o que de verdadeiramente superior os melhores de entre os nossos irmãos humanos criaram.”

Eu respondi-lhe assim: “Fico muito comovido com a sua mensagem. E, ao mesmo tempo, encorajado. Bem-haja!

Sou um seu discípulo, preocupado em honrar o Mestre e a mensagem que ele irradia. A sua palavra para mim é sempre Palavra, indicação do Caminho, pão de Alimento, raio de Luz e sinal de Esperança. Por isso estou-lhe muito grato.

Este seu texto serve-me de arrimo, de estímulo e também de espada. Constitui um diploma que exibirei com muito orgulho e emoção.”

Senhor Professor Manuel Ferreira Patrício:

É a necessidade de lhe testemunhar reconhecimento que nos traz hoje a este palco. As suas palavras e atitudes apolíneas e solares constituem o luzeiro que ilumina, desde há muitos anos, o roteiro desta Faculdade; são a nossa agulha de marear, para dobrar todos os cabos das tormentas da desilusão e frustração. Nesta era de gadanha e seitura mercadológica elas mantêm a esperança acesa. Desde que os ventos do mal se evadiram da Caixa de Pandora, ela partiu na sua peugada, tudo fazendo para os encontrar, reunir e voltar a guardar; e ainda não se cansou dessa perseguição.

Devemos-lhe categorias, bitolas e grandezas que colocam o desporto ao serviço da *'arété'*, essa unidade maravilhosa e harmoniosa de técnica, performance, ética, estética, excelência, virtude e excelsitude. Com elas aprendemos a ver e ouvir por fora e entender por dentro, a cerzir o desporto como um *'artefacto'*, dada a transcendência que o anima e sabendo que esta é uma dimensão religiosa de toda a cultura, tentando exprimir o que, em nós, há de melhor: a busca da nascente de sentido, o que podemos e devemos esperar da vida e fazer uns pelos outros da maneira mais autêntica, mais bela, elevada e excelente possível.

Percebemos que a conceção agonista da existência, central e essencial na Paideia grega, se afigura como chave da vitória sobre o medo e a própria finitude: porque viver com lucidez é melhor do que ser imortal!

Como a Terêncio (cerca de 185-159 a.C.), nenhuma parcela do humano é estranha a Manuel Ferreira Patrício. Assim ensina-nos a valorizar o corpo, por carregarmos nele a nossa origem modesta e o desafio de a aprimorar. Familiariza-nos com São Paulo e a sua defesa do paradigma ternário do homem, que coloca na sua base antropológica a *Hylê* (a bruta e nua matéria), no seu plano medial a *Psychê* (a Alma) e no seu plano superior o *Pneuma* (o Espírito).

Com o mesmo intuito leva-nos a Píndaro (521-441 a.C.), Sócrates (470-339 a.C.), Platão (427-347 a.C.) e a tantos outros que frequentavam a Academia e o Estádio, movidos pela ideia da *'arété'* em todas as dimensões, nas emoções e expressões, nos sentimentos e comportamentos, visando aquilo que Aristóteles (384-322 a.C.) definiu como *'vida boa'* e *'correta'*.

Concomitantemente desperta-nos para a indagação. Como se apresenta a mediação entre o corpo-pessoa e a vida? Entre o transcendido e o transcendente? A resposta cabal é impossível de obter; abeiramo-nos dela no diálogo entre o perguntar e o responder, reavivando ansiedades, símbolos e coisas inúteis e desnecessárias ao quotidiano, das quais

não podemos prescindir, por nos atraírem para o alto, para a esfera da humanização e divinização, dando assim as asas da ilusão (alimento preferido da felicidade) à precaridade e transitoriedade da existência.

Consigno, caríssimo Mestre, aprendemos a casar o 'ariston' e os valores, o divino e o sublime. E consequentemente a lastimar o 'assassinato do gosto europeu', lobrigado por Michel Serres.⁴

A sua práxis afronta a erosão da cultura 'alta' e erudita pela civilização do *espetáculo* e pela *cultura enviesada*, feitas de superfícies, ruídos e vernizes, da banalização das artes e da frivolidade da política, numa conjuntura onde o primeiro lugar na tabela de preferências é ocupado pelo entretenimento e a propensão natural para a diversão e evitar o aborrecimento se converte em ventura suprema e paixão universal.⁵

Este arremedo de civilização e esta *cultura de plástico* atestam o que Fernando Pessoa, atualíssimo, anteviu com nitidez: a entrega do mundo aos espertos e agitados, levados ao sucesso pelos mesmos processos que conduzem ao internamento num manicómio: a incapacidade de pensar, a amoralidade, a insanidade e a hiperexcitação.

Contra esta degradação Manuel Patrício toma emprestado o malho de Torga: *O homem que o nosso século pede não é o que lê, o que se aprofunda a cavar em si. É um ser biológico perfeito, no sentido corpóreo e psíquico de uma abelha.*⁶ E lamenta que os ganhos de conhecimento científico e profissional impliquem a perda de saber em termos de humanidade, uma falsa e insustentável contradição.

Sejamos frontais: a Universidade põe-se a jeito deste estadulho. Com o *produtivismo*, o *managerialismo* e outros 'ismos' trai a sua missão, pune a crítica e a discussão abertas, torna-se uma das *mesquitas douradas* de veneração da involução civilizacional; e tem ajudado a levar ao pódio da glorificação o esvaziamento da transcendência.

Ela é plagiária de noções sombrias e dos *jogos de soma zero* deste ignominioso tempo de austeridade e esfolo, crueldade e indecência, versão refinada e atual da limpeza étnica, imposta pelo despudor neoliberal. A instrução *funcionalista* que perfilha, a rogo de interesses obscuros, amigada com a pós-modernidade e a perversão da estesia, merece

4 — Michel Serres, *Hominescências: o começo de uma outra humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

5 — Mário Vargas Llosa, *A Civilização do Espetáculo*. Lisboa: Quetzal Editores, 2012.

6 — Miguel Torga, *Diário - Vols I a IV*, p. 126. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 1999.

esta bofetada de Aristóteles: *Quando me interrogaram sobre a diferença existente entre os homens cultos e os incultos, respondi: A mesma diferença que existe entre os vivos e os mortos. Será que a Universidade tem consciência deste produto?*

Manuel Ferreira Patrício inquieta-se: Para onde estamos a ir?

Não lhe agradam o frenesim e a voracidade da mudança, o golpe mortal desferido na durabilidade e no património imaterial, o condenar à falência as causas imortais como a da construção da ligação entre a brevidade da nossa vida e a eternidade do universo, arduamente empreendida durante milénios em todos os contextos culturais. Não aceita que seja posto de lado o questionamento filosófico acerca da verdadeira felicidade, resultante da associação dos nossos atos e práticas a coisas maiores e mais duradoiras do que o trajeto corpóreo – e que este não contém. Sob pena do encanto acabar e o mistério e a felicidade se perderem para sempre.

Manuel Patrício insiste na necessidade de remissão discursiva e prática do Humanismo e Iluminismo, lembrando que os gregos interrelacionavam a *Paideia* e a *Humanitas*, a substância da educação com a configuração da Humanidade do Ser. Intima-nos a reencontros inadiáveis com valores de pendor humanista e iluminista; e a repô-los no discurso oficial e público, na ação individual, institucional e social, rompendo com a *mercadorização* dos indivíduos e recuperando o conceito e os traços da Pessoa.

Eis-nos desafiados à radicalidade dos compromentimentos. A não ser cúmplices com o império da efemeridade, fragmentação, frivolidade e superficialidade em todas as áreas da atividade, incluindo o ensino dito superior e universitário. A não pactuar com o arrasamento da espiritualidade, da erudição e dos arquétipos de irrepreensível conduta, abandonados ao *Deus-dará* nas margens dos descaminhos e desvarios da Universidade. A recusar a sobrecarga de dimensões líquidas, profanas, supérfluas e voláteis; e a pobreza de referenciais sólidos, sagrados e duradoiros.

Sob o hábito de quietude e bonomia deste monge secular está um genuíno *pontífice*, um notável académico que faz pontes e põe mundos e pessoas em contacto, atento e vigilante, sem cedências e concessões às infindas combinações e versões da falsidade; fiel aos imperativos da honorabilidade e verdade de si e dos seus semelhantes, possuidor de uma aguçada consciência do bem e do seu inverso e de que a prática do primeiro é nosso advogado em todo o tempo e lugar.

Não o move a vontade de poder, mas apenas a de ser. Nem é figurante no cenário do inferno orwelliano em que “guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força”. Enfrenta e repele toda a sorte de pressões para aceitar o inferno e tornar-se parte dele, por mais mascarado que este seja. Tampouco vira as costas ou fecha os olhos ao inferno dos outros sem voz para denunciar os agravos a que são sujeitos. Não se desvia do serviço aos irmãos humanos, nem se esconde nos subterfúgios e atalhos acenados pelos que se

deixam cegar a alma pelo espesso nevoeiro da iniquidade presente. A sua ética inclusiva e responsabilizante não negoceia ou fraqueja. É um homem da bondade e do desapego e despojamento pessoal, porém do verbo certo, firme e possante.

Entusiasta, empreendedor e generoso, é avesso à apatia, ao calculismo, aos dogmas e ao utilitarismo, condói-se dos que não são nada nem ninguém. Idealista e qualitativo, distingue e opta entre o mal que observa e o melhor que imagina.

Quem assim age é um personagem atípico nesta era, mas é um verdadeiro ser vivo, criador de obrigações, memórias e sonhos, capaz de trazer um sopro de esperança à aridez do deserto ético e estético, de reacender a chama da espiritualidade moderna apoiada na sagração transcendente dos humanos, oposta à globalização neoliberal destruidora do sentido da existência. '*Insistir, resistir, persistir e não desistir*' - é o lema preferido nas suas formulações contagiantes, esperançosas e fascinantes.

A sua vida é uma fuga teimosa ao insignificante; uma labuta incessante, sem nunca descer do chão duro e ruim. Sempre à jeira, de enxada na mão e de suor na testa, a decruar belgas e leiras no minifúndio, a semear e colher caminhos, que aportem à arte de viver. Ele encarna o ideal de professor, saído da sua boca numa das muitas orações de sapiência com que privilegiou esta casa: "*Um professor de um tipo que poderemos designar por o professor permanente. Aquele que mesmo depois das suas aulas continua a ensinar. Ensinar é para ele quase o seu modo de ser*".

Aplica-se ao Professor Manuel Patrício o dito do Padre Manuel Bernardes (1644-1710): "*Não há modo de mandar, ou ensinar, mais forte e suave do que o exemplo*".

Como síntese desta *laudatio* é imprescindível sublinhar que Manuel Patrício é emérito especialista em música, nomeadamente na de Bach (1685-1750), sendo igualmente distinto compositor e regente de coros. Ora isto não é um pormenor. A grande música e a poesia são as artes que menos distraem do infinito e nos apresentam mais leves, palpáveis e tangíveis os profundos e indecifráveis mistérios da vida.⁷

Praticante da Compaixão, da Fraternidade, Humanidade, Solidariedade, Curiosidade e Trato Humano do Outro, ele é genuinamente cristão. Também o é por ser próprio da razão reconhecer que existe uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Invoca o nome de Deus para assinalar e preencher o vazio com o clarão da plenitude.

Para o conhecer, basta lê-lo e ouvi-lo; é igual à magnificência do muito que escreve, diz e lê. Artesão dum saber tecido de amabilidade, cativação, humildade e ternura, é fonte de inspiração para os despertos, dentro e fora da Universidade. É, pois, justíssima e pertinente esta consagração, destinada a suavizar uma dívida impossível de saldar.

7 — Os poetas e vates, diz Manuel Patrício, são "educadores de 1º grau"; os rapsodos, pedagogos e filósofos são "educadores de 2º grau". Foram eles que criaram os mitos e educaram a Grécia. (No Labirinto messiânico de Fernando Pessoa, p. 88. Sintra: Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda., maio de 2013).

Agracemos e saudemos o Professor Manuel Patrício, pedindo-lhe que continue a saciar a nossa fome de deuses, explicações e sinais maiores, a esbater-nos as rudezas e disposições menores, a pastorear o nosso pensamento com palavras singelas e gestos afáveis, a estimular-nos a avançar, ao colo da dor e nos braços da esperança, pelas plagas da inquietação e dúvida cruciantes, onde a vida tem de respirar em noites e dias de pasmo e em alvoradas de espanto. Afinal, dos homens como das obras de arte não se entende tudo duma só vez.

Senhor Professor Adriano Moreira:

V. Exa é um cidadão da clarividência e exemplaridade intelectual e moral. Quando o lemos e ouvimos, inunda-nos o deslumbre da ancestral e escarmentada frontalidade transmontana, magistralmente exposta por Miguel Torga: *"Ninguém me encomendou o sermão, mas precisava de desabafar publicamente. Não posso mais com tanta lição de economia, tanta megalomania, tão curta visão do que fomos, podemos e devemos ser ainda, e tanta subserviência às mãos de uma Europa sem valores"*.

Muito lhe devemos nesta hora de desorientação, de desnorte, de 'reformismo' à custa de tudo e a troco de nada. V. Exa não se cansa de avisar: *"O ensino é uma questão de soberania e não de mercado"*. Creio que o interpreto a rigor, se disser que V. Exa tem em mente a educação em geral e o ensino superior em particular.

Das suas entrevistas nada é para deitar fora. Não cultiva o espanto dos oráculos prolixos, mas a assertividade e fundura das posições. Contra o esquecimento dos valores básicos, clama que a pobreza e a fome não são um dever constitucional. Não há muito tempo, citou um texto do Padre Vieira, escrito em 1669: *"Ministros da República, da Justiça, da Guerra, do Estado, do Mar, da Terra! Vedes as desatenções do governo, vedes as injustiças (e) os enredos, vedes as dilações, vedes os subornos, (...) vedes as potências dos grandes, e as vexações dos pequenos, vedes as lágrimas dos povos, os clamores e gemidos de todos? Ou os vedes ou não os vedes. Se os vedes, como não os remediais? E se não os remediais, como os vedes? Estais cegos."*

V. Exa vê com acuidade e não esquece: *"Vamos lá ver. Nasci numa família muito pobre. Sei muito bem como é que vivem os pobres. Descrevi isso num livro de memórias que publiquei. Éramos felizes – engraçado! Havia uma solidariedade. O que fiz não obedece a esquerda ou a direita. Obedece à escala de valores que aprendi em criança."*

Uso muitas vezes a expressão: os valores são o eixo da roda. A roda corre todas as paisagens. O eixo acompanha a roda, mas não anda. Quando fui presidente do CDS, disse: *'Este partido tem que assumir a obrigação em relação aos pobres'*. Parece-lhe muito de direita?"

Não, não é de direita. Milita na *Ética do Cuidado*, ínsita na origem e defesa da dignidade do indivíduo humano. É do lado donde sopram os ventos da consideração e inclusão de todos, contra a *cultura do descarte* dos idosos e dos adultos e jovens sem trabalho, denunciada por Sua Santidade o Papa Francisco.

Vou selar a estância no labirinto, saindo pela porta por onde entrei. O Prof. Adriano Moreira concita o respeito dos portugueses e o orgulho dos transmontanos. Em nome destes seres duros e terrosos, que fazem ressumar de vida o chão árido e pedregoso e a magreza das courelas que os viram nascer, em nome do imorredoiro amor ao reino maravilhoso da sua e minha afeição, dedico a V. Exa e ao Prof. Manuel Patrício, a *Elegia Transmontana*, de Miguel Torga, a voz sublimada de Trás-Os-Montes, irmão gémeo do Alentejo:

Terra, minha medida!

Com que ternura te encontro

Sempre inteira nos sentidos,

Sempre redonda nos olhos,

Sempre segura nos pés,

Sempre a cheirar a fermento!

Terra amada!

Em qualquer sítio e momento,

Enrugada ou descampada,

Nunca te desconheci!

Berço do meu sofrimento,

Cabes em mim, e eu em ti!